



VI ANNO

SABBADO, 1 DE ABRIL DE 1882

NUM. 1



ENTRAMOS hoje no sexto anno da nossa publicação e não é sem orgulho que *O Bombeiro Portuguez* assignale este facto.

O Bombeiro Portuguez continuará annunciando os progressos que se manifestarem no serviço dos incendios e estimulando os esforços individuais, propagará os melhores methodos. Servirá a uns d'incitamento e dando a outros uteis conselhos, a todos fará saber o bem que fazem esses homens cuja divisa deve ser *honra e dedicação*.

A par dos estudos sobre a organização do serviço entre nós e no estrangeiro, publicaremos artigos diversos sobre osapparelhos e inventos, exercicios e manobras; daremos conta dos incendios, festas e reuniões. Attendendo sobretudo ao ponto de vista pratico, trataremos todas as questões que disserem respeito aos melhoramentos do serviço.

Continuaremos a publicação da *Chronica quinzenal*, variando assim o nosso periodico. Encarregaremos d'essa secção uma penna habil e é assim que temos a satisfação de apresentar hoje aos nossos leitores, *Iberus*, tão apreciavel pelo seu talento como pelos seus finos dotes d'espírito e cuja obsequiosa collaboração sobremodo nos penhora.

Responderemos por via do jornal ou por carta aos pedidos de informações ou consultas que nos forem feitas.

Será sempre com prazer que acolheremos as comunicações que nos dirigirem os chefes das corporações de bombeiros sobre as festas, acontecimentos lo-

caes ou sobre qualquer assumpto que tenha relação com a indole do *Bombeiro Portuguez*.

N'uma palavra, o que desejamos é ser util e para isso envidaremos todos os nossos esforços.

A Redacção.



Tendo terminado o quinto anno do nosso periodico, aos nossos estimaveis assignantes que o colleccionarem, rogamos mandar reclamar a esta administração qualquer numero que lhes falte para completar as suas colleções.

BOMBA CONVERS

Não é propriamente dita uma bomba para incendios, a que hoje reproduzimos em gravura e que é fabricada pela firma J. Convers & C.^{as}, successora da acreditada casa de Lambert & C.^{as}, de Paris,

posto que possa empregar-se com superior vantagem n'esse mister, especialmente em fabricas ou estabelecimentos que corram risco de fogo e precisem estar sempre precavidos para o atalharem.

Esta machina é especialmente destinada a irrigação, mas como tem um deposito ou caldeira para conter 200 litros de agua, o qual pôde estar sempre cheio e prompto para serviço, não deixa de ser aproveitavel para uma fabrica, por ser uma machina de facil condução e já preparada.

O jacto d'agua vence a distancia de 15 metros e

o consumo por hora é de 2200 litros de agua. Esta machina é tambem aspirante, podendo depois de esvaziada a caldeira, ser collocada junto de qualquer poço ou deposito e alimentar-se d'alli. O seu custo é excessivamente modico—trazentos e dous francos, apenas.

Da necessidade d'esta ou de outras quaesquer machinas, tractaremos no proximo numero, em artigo especial sobre a protecção das fabricas e estabelecimentos importantes.

O serviço de incendios

(A instrucção do bombeiro)

A educação do nosso bombeiro está longe e muito longe de se aproximar d'aquillo que deveria ser.

N'esta affirmativa de opinião referimo-nos aos bombeiros portuguezes em geral e com especialidade aos do Porto, Villa Nova de Gaya e do norte do paiz, onde a criação de companhias contra incendio tem tomado maior desenvolvimento. Em Lisboa, comquanto a instrucção facultada ao bombeiro seja muito deficiente, está, ainda assim, em plana muito superior áquella que adquirem entre nós os seus camaradas em outras localidades; e além disso, a pratica adquirida na frequencia dos incendios supprime, até certo ponto, a falta de ensino.

Esta circumstancia remedeia um mal, mas não auctorisa uma falta—uma lacuna indesculpavel e imprescindivel. E não a auctorisa, porque até que um individuo consiga ser bombeiro, adquirindo pela pratica a precisa instrucção para poder, com proveito e segurança para si e para os outros, prestar serviços efficazes, pôde levar aos seus protegidos o lucto e a dôr em vez de salvação e alegria—destruição e miseria, quando as suas boas intenções tinham por alvo o contrario.

A instrucção é portanto indispensavel, mas instrucção bem dirigida e assente em bases solidas e bem fundamentadas. Para que um bombeiro depois pela pratica se aperfeiçoe e adquira o sangue frio para obrar com rapidez e acerto, é preciso que tenha recebido perfeita instrucção theorica que o eduque a tirar o maximo partido e proveito de todas as circumstancias. Os conhecimentos theoricos são essencialmente uteis e progressivos; suggerem novos meios de combate e defeza; lembram alterações e modificações que muitas vezes vencem difficuldades que pareciam insuperaveis; descobrem novos meios de remover qualquer duvida ou obstaculo sem delongas, o que é de incalculavel vantagem, porque a morosidade, raras vezes, deixa de ser prejudicial ao bombeiro.

O bombeiro practico, sem a precisa theoria, torna-se até prejudicial em muitos casos—levanta obstaculos a tudo que lhe não pareça provado á evidencia e julga impossivel ou impracticavel tudo aquillo que não tiver já sido executado. E, além d'isso, é tambem indispensavel que a instrucção theorica não seja superficial, porque se o fôr, como effectivamente o é entre nós, tornar-se-ha mais prejudicial ainda, porque as imperfeitas combinações ou conclusões d'essa theoria com a practica, hão-de fatalmente produzir as piores consequências.

É por isso que nós, que temos o mais vivo interesse no aperfeiçoamento, efficacia e utilidade das companhias de incendios e vemos que não só na nossa cidade, mas em quasi todas as cidades ou villas do reino, começa agora a manifestar-se interesse pelo progresso e melhoramento d'essas cruzadas civilisadoras e humanitarias, que ainda ha pouco eram ignoradas ou esquecidas, desejamos e com justiça, que a obra não fique incompleta, e por isso, chamamos a attenção dos chefes e instructores d'essas companhias, para que meditem bem nas nossas palavras, porque estamos certos que serão tomadas na devida consideração.

O nosso dever não é só louvar ou engrandecer as companhias de incendios, quer os seus serviços sejam voluntarios ou estipendiados, porque tanto umas como outras são sempre dignas dos maiores louvores e admiração pelo arriscadissimo serviço que prestam com risco da propria vida—o fim especial do nosso periodico é apontar os erros para que os saibam corrigir e evitar; indicar defeitos e falsas doutrinas para que sejam modificadas com proveito.

Até hoje, o ensino dos bombeiros, n'esta cidade tem sido o mais superficial que pôde ser, e d'esta accusação não isentamos os bombeiros voluntarios, posto que ultimamente tenham curado mais d'esta impreterivel necessidade, e com effeito nunca manobram com tanta maestria como agora; porém estão ainda muito áquem do gráo de perfectibilidade que poderiam attingir, visto disporem das indispensaveis condições para o conseguirem. Em identicas ou similares circumstancias se encontram tambem os seus camaradas do municipio; porém onde esta falta sobre-sae mais salientemente e mais digna se torna de censura e reparo, é em quasi todas as companhias de bombeiros da provincia. Com pesar o dizemos; alli não ha methodo, não existe systema algum de manobras—o capricho de quem commanda cada dia em que se exercitam, phantasia uma norma qualquer ou deixa ao arbitrio de cada um obrar como melhor lhe pareça.

Não basta envergar uma farda de bombeiro, filiar-se em uma corporação contra incendios, acceitar os postos ou cargos que lhe são offerecidos, estar animado dos mais sacrosantos sentimentos humanitarios, dispôr de provada coragem e recursos musculares, porque todas essas qualidades e virtudes, sem a educação precisa para as guiar e aproveitar, tornam-se nocivas e prejudiciaes em vez de uteis e proficuas.

Foram estas as razões que nos moveram a fallar d'este assumpto e a encetar uma série de artigos que illucidem o bombeiro o mais claramente possivel ácerca de tudo quanto diz respeito á sua profissão.

N'esse intuito escrevemos já este artigo e continuaremos nos numeros subsequentes.

A ultima gravura

No nosso numero anterior demos á estampa uma bomba, cujo systema já é sobejamente conhecido dos nossos leitores e por uma falta involuntaria da nossa parte deixamos para o numero de hoje a sua descripção.

As bombas de systema «Fland» são as mais conhecidas entre nós, porque são justamente as que geralmente possuem quasi todas as companhias de in-

endios. Que o systema é magnifico, sabemol-o todos, igualmente, e que se os resultados ficam muitas vezes aquem da superioridade que deveriam ter, é isto simplesmente devido á culpabilidade da parte dos constructores e não á deficiência de systema.

Os nossos constructores de bombas não são muito escrupulosos na escolha do material que empregam na construção das machinas e desattendem todas as regras estabelecidas de gradação entre cylindros, recipiente e ramaes de absorção e expulsão. A elegancia e perfeição d'obra, tambem não são qualidades que possam servir-lhes de *rêclame* e no tocante a modicidade de preço não podem fazer concorrência ás fabricas estrangeiras.

Es a razão porque nós só publicamos gravuras de bombas fabricadas fóra do paiz e só procuramos tornar aqui conhecidos os fabricantes estrangeiros.

Bem quizeramos proteger a industria nacional, mas enquanto ella não estiver á altura das nossas necessidades, como effectivamente não o está n'este caso, não podemos aconselhar a compra de machinas aqui fabricadas, porque estão longe de preencher com proveito o fim a que as destinam.

Como já dissemos, o fim principal da publicação d'aquella gravura não foi tornar conhecida a bomba que ella representa e fazer a sua descripção. No entanto sempre diremos duas palavras a este respeito. O nosso intuito foi mostrar especialmente ás companhias de incendio da provincia, que estas machinas podem facilmente ser conduzidos por cavallos, quando as distancias a transpôr forem grandes, e para isso basta addicionar-lhes um pequeno carro, que tanto póde ser do formato reproduzido por aquelle desenho como de outra qualquer.

Os carros dianteiros das bombas «Jack» dos bombeiros voluntarios d'esta cidade e Vianna do Castello são de formato de *dog-cart*, isto é mais compactas e occupando por isso menos espaço. N'estes carros os bombeiros vão sentados costas com costas—trez á frente e trez a traz. Ha tambem uns outros carros irlandezes para transporte de bombas e bombeiros, em que os assentos são collocados lateralmente, da esquerda e direita indo os bombeiros tambem de costas uns para os outros e o cocheiro á frente em uma almofada mais alta.

Estes carros dianteiros são de grande vantagem para aquellas corporações da provincia que tenham sob sua guarda e vigilancia grande area de terreno, porque com a maxima rapidez os podem reunir á bomba e chegar ao local do sinistro com o pessoal preciso para manobrar a bomba logo á chegada, porque d'esta forma não se fatiga como acontece quando tem de a tirar á mão.

A machina representada por aquella gravura não é aspirante e tem apenas um tubo de sahida com a competente mangueira sempre atarrachada e prompta para serviço, dois ralos para aguas sujas, mangas de salvação e baldes, dois machados, uma escada de ganchos, uma agulheta, espia, dois varaes de picote e ferramenta miuda.

Pavoroso incendio

No dia 24 do mez findo, pelas 6 horas da manhã, logo depois de ter recolhido a bomba dos bombeiros

voluntarios do Porto, que regressava de um pequeno incendio que se havia manifestado em Villa Nova de Gaya, a sinêta d'alarma do pateo do Paraizo pedia novamente os soccorros d'aquella benemerita corporação para um novo incendio que rebentára com violencia no Alto da Fontinha, ao Bomjardim, na grande fabrica de chapéus dos srs. Gonçalves, Filhos & C.^a

O aviso foi dado por um rapaz da fabrica, que, logo ao primeiro signal de fogo, deitou a correr e veio pedir auxilio.

O piquete da bomba ainda se conservava no pateo e por isso a demora em atrellar os cavallos e seguir foi muito pequena. N'essa occasião já constava que o incendio tomava grandes proporções e effectivamente já se avistava uma grossa columna de fumo impellida do lado do nascente por uma forte brisa, que começava a soprar.

Os cavallos corriam a toda a velocidade, parecendo comprehender que era mister chegar quanto antes; e animados pela corneta, que não cessava de tocar para avisar os transeuntes, em poucos minutos entravam no largo da Fontinha.

Era a primeira que comparecia; a da rua de St.^a Catharina e que fica alli muito proxima, ainda não tinha chegado, ou por não ter sido avisada, ou por não ter pessoal para a acompanhar. O que é facto, é que na fabrica apenas havia uma bomba, que, ou não estava em estado de poder trabalhar ou aquelles que tentavam manobral-a, desconheciam completamente o modo como, porque nem uma gota de agua havia ainda sido lançada sobre as chaminas, que impellidas pelo vento, transpunham já o cume do telhado do corpo central da fabrica e começavam a communicar-se ao corpo lateral do lado do poente.

A rua que dá ingresso á fabrica estava levantada e um enorme fôssco para a collocação de um encanamento qualquer, impedia que a bomba seguisse.

Tiveram de retroceder, e o unico caminho que parecia restar-lhes, era entrar novamente no largo, seguirem pela rua de St.^a Catharina, travessa da Aguardente, descerem a rua do Bomjardim até á ingreme calçada das Musas, que teriam que subir e depois seguirem pela rua da Fabrica Social até ao local do incendio.

Além de ser moroso aquelle trajecto, está hoje provado á evidencia, que se não fosse a feliz lembrança do digno commandante dos bombeiros voluntarios, os soccorros não teriam chegado a tempo de obstar a que toda a fabrica fosse reduzida a cinzas.

Do lado do norte do largo da Fontinha ha uma escadaria de pedra que conduz á fabrica e foi o commandante dos bombeiros voluntarios, que chegando n'essa occasião, mandou separar a bomba do carro dianteiro e pedindo á vizinhança auxilio para o piquete, conseguiu levar a bomba, em poucos minutos, até á porta da entrada. Ahi verificou qual a parte mais importante da fabrica, que era a do nascente, onde estavam as machinas e depositos de pello, etc. e onde o incendio já começava a lavrar. Mandou immediatamente desmontar a bomba e estender uma mangueira para aquelle ponto, que na verdade era difficil de sustentar por causa do intenso calor das chaminas, que se elevavam a enorme altura; porém a muita dedicação de todos incutia-lhes força e coragem e sem arredarem um passo puderam sustentar a marcha do incendio n'aquella direcção. Como as chaminas eram impellidas pelo vento para o poente e o incendio já lavrasse no corpo do edificio d'aquella lado, mandou estender a

segunda mangueira n'aquella direcção, visto que não havia mais bombas e em esta o unico meio de se poder combater com proveito e resultado. Logo que chegaram as bombas municipaes, sendo a primeira d'estas a do Campo de Santo Ovidio, que se verdadeiramente se apresentou com a maxima rapidez, pois que compareceu primeiro do que a da rua de Santa Catharina, que fica alli proxima, e aquella a distancia e quatro vezes maior, foram estas collocadas do lado do ponto, como deviam.

N'essa occasião passou a segunda mangueira da bomba dos voluntarios para o lado do nascente e a primeira para o nascente do lado do norte, onde já lavrava o incendio e parecia querer communicar-se á parte do norte que ha pouco mais de um anno havia sido tambem destruida por um violento incendio, cujas funestas consequencias todos sabem.

A grande abundancia de agua, os muitos depositos que circumdavam a fabrica, bem como a boa vontade d'aquelles que a forneciam, especialmente as mulheres que eram incansaveis, foram circunstancias que alliadas ao acerto dos bombeiros em geral contribuíram para que o incendio pôdesse ser localisado quasi no ponto em que foi encontrado, quando chegaram os soccorros publicos.

Ainda assim os prejuizos são enormes, elevando-se a sessenta contos de réis ou talvez mais, devidos ao grande deposito de obra que estava armazenada e prompta a seguir para o seu destino. A fabrica e suas dependencias estavam seguras em varias companhias, pela quantia de cento e trinta contos de réis, a saber: na *Garantia* em dezenove contos e em dezoito contos e quinhentos mil réis em cada uma das seguintes: *Bonança, Segurança, Tranquillidade, Norwich, Douro e Indemnizadora*.

Este incendio foi motivado por uma fálua da machina que incendiou alguns chapéus e pêllo, passando immediatamente para o forro do telhado, antes que os operarios podessem trazer a bomba e conseguissem fazel-a trabalhar.

Apezar da boa direcção de todos os trabalhos e do acerto e cautela com que todos trabalharam, pois que sendo continuados os desmoronamentos e derrocadas, ninguem ficou ferido, ainda assim os haveres consumidos são muitos e valiosos.

Ficaram destruidos, senão completamente, pelo menos em parte — a sala de appropriagem, depositos geraes de chapéus acabados e por acabar, officina de vestir, dita de affinação, dita de distribuição de serviço, deposito de obras em branco, escriptorios, depositos de fazendas, casa da machina locomovel, estufa e dependencias, pêllo, formas, chapéus e pertencas, assim como outros muitos utensilios.

Este incendio foi combatido pelas bombas n.º 1 dos voluntarios com duas agulhetas, pelas n.º 5, 8, 2 e 7 dos municipaes e pela bomba da fabrica, a qual do lado do norte prestou bastantes serviços, porém, infelizmente tardios. Tambem trabalhou todo o material dos carros n.º 1 dos voluntarios e n.º 3 dos municipaes.

A bomba de Villa Nova de Gaya tambem compareceu e desmontou, mas não chegou a trabalhar por não ser necessaria. Além d'estas machinas, tambem compareceram as bombas municipaes n.ºs 1 e 6, que tambem não trabalharam por não serem precisas.

Os prejuizos que soffreu o material dos bombeiros voluntarios são grandes, principalmente em mangueiras, que eram todas novas e ficaram completamente deterioradas. A bomba tambem soffreu, porque a agua estava muito suja de tinta, areias e folhas.

E agora, vem muito a proposito dizer-se, que prestando esta corporação tão valiosos e desinteressados serviços, não só ao publico, mas especialmente ás companhias de seguros, como ainda agora aconteceu n'este grande incendio, impedindo muitissimo mais avultados prejuizos, porque conseguiram obstar ao progresso das chammas para o lado do nascente, não haja da parte d'essas companhias o menor reconhecimento!

E no entanto, ellas são grandemente beneficiadas, mas nem por isso subserveem para as despesas d'aquella corporação com uma dadiwa annual ou ao menos com um donativo qualquer, quando os serviços prestados são tão valiosos como agora e como ainda ha pouco no incendio das Tappas e outros.

Além d'isso, a coragem e boa vontade com que os bombeiros municipaes se esforçam em todos os incendios, merecem tambem uma remuneração de quando em quando para lhes servir de estimulo e recompensa, porque todos sabem que elles são artistas, poucos meios possuem e os incendios além de lhes estragar roupa e calçado acarretam despesas extraordinarias com prejuizo dos seus salarios.

Não estão n'estas condições os bombeiros voluntarios e para elles não pelimos donativos, mas sim para a sua corporação, que é sustentada por meio de dadiwas.

As companhias seguradoras nada se prejudicavam com isso e praticariam um acto de justiça; mas se ellas nem sequer lhes dirigem uma palavra de agradecimento que não custa dinheiro como havemos de esperar que se lembrem de contribuir com uma quota qualquer?

Por isso lhes lembramos esse dever e veremos se o conselho aproveita. Mais tarde voltaremos ao assumpto.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE GUIMARÃES

Completo-se no dia 19 do passado o quinto anniversario d'esta prestimosa associação.

O nosso collega *Religião e Patria*, diz a esse respeito o seguinte:

Tem sido apreciados por todos os bons serviços que esta patriótica instituição tem prestado, não só comparcendo e tomando parte activa na extinção dos incendios, como em outros accidentes, em que a sua presença pôde ser d'utilidade. Taes foram o desmoronamento das casas da rua de Gil Vicente e o desabamento da saibreira que ha pouco matou um pobre trabalhador perto da Athouguia, e cujo cadaver foi removido para o hospital na maca dos bombeiros e por elles conduzido. Justo é pois que a imprensa registre taes serviços, se bem que a sua verdadeira remuneração está na consciencia dos briosos manebos, que fazem parte da companhia.

No domingo, houve pelas 8 horas da manhã exercicio nas casas pertencentes ao sr. Domingos de Souza, e por convite do dignissimo commandante reuniram-se pelo meio dia na casa da estação os socios activos e alguns membros da Direcção. O sr. commandante leu um breve relatório dos serviços feitos durante o quinquennio e pediu que fosse dado um voto de louvor ao digno facultativo da associação, o sr. Avelino Germano, pelos seus valiosos serviços, e de agradecimento á ill.^{ma} camara, por ter cedido para a estação uma loja nos baixos do tribunal, aonde

actualmente se acha: ambos foram unanimemente approvados. Em seguida dirigiu o digno facultativo algumas palavras d'agradecimento, e fez o elogio merecido dos serviços prestados por todos na sua missão tão altamente louvavel, pedindo um voto de louvor para o sr. José Martins Minotes, a cuja iniciativa, preserverança e decidida boa vontade se devia a organização e existencia da companhia. Igualmente pediu que, como merecido premio, fossem os nomes dos voluntarios actualmente existentes desde a fundação da companhia, inscriptos em um quadro que ficaria pendente das paredes na casa da estação, como incitamento a todos. Igualmente propoz um voto de louvor ao 2.º commandante, o sr. Salgado e mais voluntarios, a expensas dos quaes foi feita toda a obra de installação e appropriação da casa da actual estação, que está nas melhores condições para tal fim. Foi unanimemente approved, assim como por proposta do sr. José Minotes, que se agradecesse a distinctissima fineza que o revm.º sr. padre Eugenio fizera á associação, offerendo-lhe um bonito hymno, cuja *partitura* está envolta em uma pasta de setim azul.

D'este modo singelo e digno foi commemorado o 5.º anniversario da inauguração da companhia dos bombeiros voluntarios.

Temos fundadas esperanças, de que continuarão a prestar identicos serviços, continuando com a mesma coragem e boa vontade a bem merecer dos seus concidadãos o apoio e elogio que tão justamente merecem e auxiliando a companhia municipal na sua perigosa, mas gloriosa missão. Devemos acrescentar, para merecido elogio d'ambas, que tem reinado sempre entre ellas a mais sincera fraternidade, prestando-se reciprocos serviços sem mesquinhas rivalidades, o que é devido não só ao identico fim d'ambas as instituições, mas á disciplina, que os respectivos commandantes sabem manter.

O incendio no Cavaco

A's 6 horas da tarde do dia 24, poucas horas depois da haverem retirado os bombeiros do trabalhoso e arriscado incendio na fabrica de chapéus dos srs. Gonçalves, Filhos & C.ª, chamaram as torres novamente os soccorros publicos para Villa Nova de Gaya, onde se havia manifestado incendio nos depositos de lenha e chamiça da fabrica de lonça situada no logar do Cavaco e pertencente ao snr. Joaquim Nunes da Cunha.

Faúlãs sahidas do forno, na occasião em que o acendiam deram causa ao incendio. Compareceram com a maxima rapidez os bombeiros de Villa Nova de Gaya, bomba municipal n.º 4 e carro n.º 2 d'esta cidade, bomba e carro dos voluntarios e em seguida a n.º 3 e 1 tambem d'esta cidade.

Trabalharam apenas duas bombas — a de Villa Nova e a dos voluntarios e carro.

Algumas pequenas bombas das fabricas proximas tambem compareceram, bem como a do vapor «Velo» e a bomba n.º 2 dos voluntarios, estacionada na Foz. Esta ultima só avançou até ao Ouro, retirando-se em seguida e avançando apenas o pessoal.

As bombas municipaes retiraram pouco depois, visto não terem sido necessarios os seus serviços, con-

servando-se ainda a dos voluntarios a pedido do commandante de Villa Nova.

A's 11 horas da noite, como os bombeiros voluntarios já estivessem extenuados e a companhia de Villa Nova não tivesse pessoal para os render e auxiliar, e como a maré estivesse na vazante, não podendo por isso a bomba ser alimentada pelos tubos aspiradores e não havendo aguadeiros para fornecerem agua, o incendio recrudesceu, tornando-se necessario pedir auxilio ao Porto por se temer que as chamas se communicassem á fabrica como effectivamente aconteceu, mas felizmente foram atalhadas a tempo.

Os bombeiros do Porto correram pressurosos, e fornecendo agua, até que a maré desse lugar a ser collocada uma pequena bomba em uma barca, a qual alimentou depois a machina dos bombeiros voluntarios, auxiliada pelo reforço de conductores municipaes que tocavam ás picotas, puderam finalmente extinguir o incendio depois das quatro horas da manhã.

Nada, informam-nos que o conductor municipal, n.º 74, cahiu na ponte e partiu as pernas.

Os prejuizos d'este incendio são calculados em 800\$000 apenas e duraram os trabalhos 10 horas!

Agora algumas considerações justas; vá a censura a quem toca.

Este incendio foi uma prova evidente da deficiencia da companhia de Villa Nova de Gaya, não emquanto á qualidade do pessoal, que é robusto, corajoso e animado da melhor vontade, mas com referencia á quantidade que é insufficiente para incendios tão trabalhosos como aquelle. A força humana tem limites e transpôl-os é impossivel. Extenuado o pequeno e valente grupo de bombeiros que aquella corporação possui, fica ella á mercê das duas companhias do Porto, como agora aconteceu. Demais, o material é ridiculo e irrisorio. Uma companhia que tem sob sua salvaguarda tão preciosos haveres, não os pode proteger com duas bombas velhas e sem as precisas condições e a camara de Gaya devia ser a primeira a reconhecer isto e nunca sujeitar uma corporação tão respeitavel á representação de tão ridiculos papeis.

Os incendios em Villa Nova de Gaya são quasi sempre violentos por causa das materias inflamaveis que muitas vezes os alimentam e pela grande distancia que ha a percorrer, desde esta cidade até alli.

E' dever da camara de Gaya attender e quanto antes a esta necessidade—reformatar e sem demora o material que hoje existe e augmental-o com boas machinas e pessoal indispensavel para o trabalho.

D'esta fórma está o municipio do Porto prestando áquelle um serviço que lhe não é retribuido, porque esta cidade póde prescindir dos soccorros de Villa Nova de Gaya, enquanto que aquelle municipio não póde actualmente prescindir do auxilio d'aqui.

Regularise-se este serviço e quando a camara de Gaya não queira criar uma companhia *comme il faut*, que ao menos pague o serviço que a companhia municipal do Porto alli fór prestar, quando forem reclamados os serviços e que aqui se faça o mesmo todas as vezes que d'alli se pedir auxilio.

Nada mais equitativo e evitava-se muito trans-torno e irregularidade.

Deu-se tambem n'este incendio um facto que mostra a necessidade de se estabelecer uma medida preventiva para casos identicos. Depois que retiraram os soccorros municipaes, reconheceu-se novamente a sua necessidade e não havia outro meio de os pedir, além do toque de fogo, o que obrigava todo o material e

peçoal que tem por dever comparecer em Villa Nova de Gaya a apresentar-se, quando apenas se necessitava do serviço dos conductores e aguadeiros?

Porque se não estabelece um toque especial para casos d'estes? Era conveniente que o houvesse.

Accresce mais que a unica via de comunicação para aquella parte de Villa Nova é a ponte pensil e a estrada marginal. Além de ser extensissimo o tracto, é tambem difficilissimo pelo pessimo estado em que se acha o calcetamento. E' quasi uma temeridade passar alli com uma bomba ou carro — a cada passo se encontra um perigo e um obstaculo. Está a cargo da intendencia da marinha a compostura d'aquella estrada e é preciso que ao menos se façam os concertos indispensaveis.

A vida dos que correm a salvar as propriedades que alli ardem, é bem mais preciosa do que os haveres que ellas contêm e bem merece o sacrificio que pedimos — algumas centenas de mil réis applicados a melhorar aquella via de comunicação.

Depois, tambem, ignoramos porque a camara d'esta cidade não possui uma barca para o transporte de bombas para o outro lado do rio, a qual tambem seria de utilidade para a collocação de uma bomba para alimentação de outras, quando os incendios se manifestassem na linha marginal do rio. Miragaya seria optimo ponto para a sua collocação.

Não deixa tambem de não merecer reparo o excesso de zelo que mostram os guardas da ponte na cobrança da portagem na occasião de incendio, como aconteceu n'este fogo, querendo obrigar as pessoas que não eram bombeiros e conduziam as bombas a pagar os 10 réis de imposto!

Os *bravos* militares correram á frente de bayoneta em punho e embargaram-lhes a passagem! Isto é inacreditavel!

Demais, o bombeiro póde ir a pé, que *por favor* não lhe exigem paga, mas se para ir com mais presteza, vae de trem, obrigam-n'o ao pagamento de 200 réis!

Vejam se tudo isto não reclama providencias? Parece-nos que sim. Aos chefes das duas companhias do Porto e Villa Nova compete pedir e instar por promptas providencias, que acabem de uma vez para sempre com este inqualificavel abuso.

Deu-se tambem n'este incendio uma lamentavel desgraça e é para admirar que se não tenha que registrar mais a miúdo desastres d'esta ordem.

O conductor n.º 74 do carro de material, cahiu na calçada da ponte e partiu as pernas.

O regulamento indica o numero de bombeiros que devem acompanhar a bomba ou carro, mas essa disposição nunca se observa, vendo-se, não raras vezes, sahirem as machinas com um conductor apenas. Sophisma-se a disposição do regulamento, substituindo o numero de bombeiros pelo rapazio que vagueia pelas ruas, e que longe de servir de auxilio, só causa estorvo e alarido, agarrado aos tirantes das machinas!

Todos estes factos que apontamos merecem ser tractados com a maxima attenção e seriedade, e para que elles cessem de existir ou os maus resultados que causam, dirigimo-nos ao sr. inspector geral dos incendios, commandante de Villa Nova de Gaya e dos voluntarios do Porto, intendente de marinha e delegado do thesouro, afim de que cada um, dentro da esphera das suas attribuições, adopte as medidas que julgar conveniente para se remediar tanto mal.

Assim o esperamos.

Chronica quinzenal

Não esperes, meu caro leitor, que — conforme é geralmente costume — eu te faça a minha apresentação e te desenrole o meu programma.

Terás de mim tudo o que quizeres, menos isso, porque desejo poupar-te a semsaboria de leres meia duzia de phrases banaes que o habito consagrou para casos d'estes e que são como uma chancellia immutavel stereotipada, quasi sempre, nas primeiras chronicas.

Assim, não me referirei ás minhas *debeis forças* para a pesada tarefa de que interinamente estou encarregado, nem te prometterei tratar com imparcialidade dos assumptos mais notaveis que julgar dignos da tua attenção.

Enquanto á primeira parte, entendo que é dever meu occultar os defeitos que tenho em vez de ir agora espontaneamente confessar-t'os e, com relação ao segundo ponto, estou ha muito tempo convencido de que é totalmente impossivel, ao emitirmos a nossa opinião sobre qualquer thema, pôrmos de lado o enthusiasmo com que naturalmente somos levados a defendê-la; e tu bem sabes que onde ha enthusiasmo é impossivel que não exista tambem paixão.

Talvez te pareçam extravagantes as minhas theorias, mas prefiro fallar-te desde já com a maxima franqueza, a fim de que para o futuro não sejas enganado na expectativa que formares ácerca d'estas desalinhavadas garatujas.

*
* *

A quinzena não foi muito fertil em acontecimentos variados para uma chronica despretenciosa, escripta á pressa e sobre o joelho.

Aqui, onde a vida desliza com uma monotonia atormentadora e fastidiosa, repetem-se todos os dias os mesmos factos da vespera, e o meio social em que vivemos é tão acanhado e tem limites tão estreitos, que nós todos não somos senão verdadeiros automatos, movendo-nos inalteravelmente a impulsos d'um ressorte constante, que apenas differe em cada um segundo as suas condições de existencia.

D'esta fôrma, fóra das horas de trabalho, as unicas distracções que nos offerece o Porto são os theatros, e n'elles, ou no Café, é onde gastamos o tempo, aborrecidos, enfadados, cheios de tedio e de cansaço.

Esquecia-me de fazer tambem referencia a um lugar em que a juventude portuense desperdiça algumas horas — as tabacarias.

Fallemos pois d'ellas em paragrapho separado, porque bem o merecem.

O janotismo tripeiro que, n'uns ares de comica estroinice, se *arruina* fumando charutos de 30 reis, namorando as coristas do Principe Real e devorando ceias no restaurante do Suisso a 400 reis por cabeça, frequenta todos os dias a tabacaria do Pereira Anna, ou a dos Freitas & Azevedo. Alli podemos ver os nossos *gommeux*, encostados ás portas, dirigindo facecias nem sempre de bom gosto ás pessoas que passam, especialmente se pertencem ao sexo bello, ou conversando, reunidos, ácerca de questões a maior parte das vezes insignificantes: o assumpto d'estas conversas, que repetidamente degeneram em verdadeiras pugnas...

de palavras, varia segundo a tabacaria em que ellas são travadas.

Se é no Freitas & Azevedo falla-se de politica, ou então da Garraio, do Rente, da Aurelia, enfim, da *troupe* do theatro do Principe e das operetas que alli são levadas á scena.

No Pereira Vianna trata-se com preferencia de incendios e de bombas. Se o regulamento da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios deve ser reformado, se os exercicios feitos foram levados a cabo com todas as regras exigidas pela arte, se o incendio que houve em tal dia foi bem atacado pelo pessoal correspondente, tudo isto são pontos que alli se csmiucam com vagar, apurando-se as conclusões com o maximo rigor e exactidão.

Outras vezes em que a loja apparece—como agora—transformada em galeria de pinturas, criticam-se os quadros expostos e não falta quem offereça mais pela moldura do que pela tela.

Apparentemente as tabacarias são isto, mas devemos confessar que nos prestam grandes e relevantes serviços.

Precisamos de fallar com um amigo, de saber alguma novidade importante, de receber cartas suspeitas, cujos auctores as nossas familias adivinariam—se fossem entregues em casa—pelo simples aroma exhalado do sobrescripto? Em todos estes casos recorremos ás tabacarias que nos dão o meio de conseguirmos os nossos fins.

E' por isso que ellas estão constantemente pejudicadas de rapazes: todos elles, apesar de parecer que estão alli *flutando* indifferentemente, esperam ou pretendem alguma cousa.

* *

A 17 d'este mez realisou-se no Principe Real o beneficio de Aurelia dos Santos.

Quem a não conhece?

E' uma rapariguita de grandes olhos negros, azougada, franzina e sympathica, que nós vemos todos os dias passar por ali, sempre com vestido curto a pouzar-lhe a medo sobre o pé, levando na cabeça um barretinho exquisito no qual se prende um véo que lhe cobre meio resto, como querendo occultar em parte o *cold-cream* e o carmin com que ella—a traidora—pretende disfarçar a sua pallidez attrahente.

Aurelia, cuja entrada na scena do Porto foi precedida d'uma renhida escaramuça na imprensa, occasionada pelos elogios prematuros que lhe renderam antes d'ella debutar, escolheu para a noite da sua festa a *Filha do tambôr-mór*.

Embora á gentil e estudiosa actriz não falem admiradores, o seu beneficio correu frio, e se exceptuarmos a salva de palmas com que foi recebida á entrada do primeiro acto e uma chamada que teve no fim da opereta, não houve outras manifestações de apreço ou de enthusiasmo. Foi, comtudo, muito obsequiada no seu camarim, onde recebeu valiosas e delicadas offer-tas dos seus collegas e amigos.

(continua)

* *

O actor Miguel Verdial, do theatro Baquet, fez tambem na noite de 22 o seu beneficio com a *réprise* do drama em 3 actos, do sr. Antonio Ennes, *Os Lazaristas*.

Do merecimento do drama nada direi, porque já foi devidamente apreciado pela critica. Enquanto ao desempenho, é forçoso confessar que foi menos que regular.

Miguel, aliás um artista estudioso e de talento, comprometido visivelmente na interpretação do papel de padre Bergeret, teve que lutar com as gratissimas recordações que a todos nos deixou o relevo verdadeiramente magistral que áquelle personagem deu Joaquim d'Almeida.

Palmyra (Luiza), com a sua maneira de phrascar entrecortada e soluçante, conseguiu apenas demonstrarnos mais uma vez que são muito limitados os recursos de que dispõe.

Pires (Carlos de Magalhães) soffrivelmente a Elvira (Joaquina de Magalhães) contribuiu no que pôde para o fracasso geral.

Do desastre salvou-se apenas Soller (Ernesto da Silveira) que, ainda assim, não logrou fazer esquecer Polla.

Ha alli um comparsa, elevado ultimamente á categoria de actor, a quem foi distribuido o papel de D. José de Mello: não posso censural-o a elle, coitado, que não tem culpa da sua negação para a arte; o director da scena e ensaiador da companhia é o unico responsavel para com o publico por aquella caçoadá inadmissivel.

* *

Com a 10.^a representação da opera comica *A Filha do tambôr-mór* effectua-se amanhã no theatro Principe Real o beneficio de escriptura de Amelia Garraio.

A distincta actriz—a joia da companhia—tem merecimentos incontestaveis que a defendem bem do elogio banal e inconsciente; não necessita, por isso, dos nossos encomios, nem de que recommendemos ao publico a sua festa artistica, porque ninguém desconhece quanto ella é applicada e os esforços constantes que emprega para corresponder condignamente á estima que todos lhe tributam.

Portanto, limito-me a augurar-lhe desde já uma casa cheia e applausos em barda.

* *

Frederico Nascimento, um violoncelista corretissimo que honra a arte musical portugueza, deu na noite de 28 um sarau concerto no salão nobre do theatro Principe Real.

Achava-se alli reunido tudo o que o Porto tem de mais selecto, e não falharam applausos ao artista modesto, que se apresenta sempre desataviado de recommendações, porque o seu brillantissimo talento não carece já dos favores do publico.

* *

Abriu-se a feira do S. Lazaro, enlevo dos bebés.

E' um gosto vê-los, alegres e contentes, lançar os seus olhinhos cubicosos para a immensa variedade de objectos que se acham expostos nas barracas, desejando tudo o que alli se encontra: agora querem um tambor, depois uma gaita, logo uma espada, e se os papás satisfazem os seus caprichos, eil-os pascando gravemente,

adornados com as dadas tão apeteçadas, que todavia raras vezes resistem mais de 24 horas ás mãos destruidoras d'aquelles pequeninos seres, irrequitos e turbulentos.

Quando, ao contrario, a mamã lhes indica com toda a seriedade e valendo-se dos argumentos que lhe suggere a sua eloquencia, os inconvenientes que se oppõem á realisação dos pedidos d'elles, os pequenitos, que se não convencem por nada nem cedem a razões de nenhuma especie, amúam, choram, batem com os pés no chão e, apesar de chamados á ordem pelos seus severos progenitores, prolongam o barulho e não se calam nem socegam.

Por isso, se o leitor é casado e tem *infantis*, como diz o Valle nos *Intimos*, prepare a bolsa e destine alguns tostões para a feira do S. Lazaro.

São deveres do officio, meu caro.

*
* *

Não ha muitos dias, quando eu ia de manhã cedo para as minhas labutações quotidianas, surpreendeu-me ver os passeios da cidade manchados de longe a longe por umas letras pretas, pintadas a tinta de oleo.

Que será? — dizia eu.

Approximei-me e li esta extravagante palavra
ZÆO.

Foi então que me recordei que era o nome d'uma artista, que se apresentava aqui largamente annunciada por *reclames* espaventosos.

Com effeito, os jornaes de Lisboa ha muito que nos tinham fallado o mais lisongeiramente possivel de Miss (?) Zæo, e á falta de merecimentos reaes que não lhe puderam encontrar, como acrobata ou gymnasta, limitavam-se a admirar apenas a sua *extraordinaria formosura* e a belleza correcta da sua plastica.

No Porto, segundo ouvi a algumas pessoas, não faltou tambem quem se extasiasse diante do que por ali appellidavam — um deslumbramento.

A respeito, porém, de Zæo, o auctor d'esta humilde chronica possui um segredo scandaloso que guardou religiosamente até agora, para o revelar nas columnas do *Bombeiro Portuguez*.

Direi a cousa sem mais preambulos e desvendarei o mysterio, visto que se trata d'uma burla feita ao publico, arrancando a mascara aos especuladores ignobeis.

Miss (?) Zæo, a formosa e seductora gymnasta, é simplesmente.....
UM HOMEM

Assim m'o communicam de Madrid, onde o buste foi descoberto.

Como ficarão os meus colegas de Lisboa ao saberem que malgastaram a sua prosa, recheada de adjetivos scintillantes, em dirigir phrases amoraveis a um *Mister* disfarçado em Miss?

Tomem, pois, cautella os bardos portuenses que já se preparavam para desferir a lyra em homenagem a Zæo.

Em vez de versos, offereçam-lhe..... umas calças.

*
* *

Nota-se no paiz nm movimento extraordinario

para a celebração do primeiro centenario do marquez de Pombal.

Por toda a parte se fazem preparativos e se nomeiam commissões, a fim de honrar a memoria do glorioso estadista, a cuja iniciativa energica e rasgada Portugal deveu no seculo XVIII o seu engrandecimento.

Só o Porto parecia permanecer indifferente a esta corrente de ideias, desmentindo assim as suas antigas tradições e dando uma triste prova de apathia e indolencia.

A nossa Sociedade de Geographia Commercial, em cujo seio foi levantado o primeiro brado para se celebrar o centenario, depois de ter resolvido prestar essa homenagem ao celebre ministro de D. José, fez com que se nomeasse uma commissão exclusivamente encarregada d'este assumpto. Essa commissão, porém, não deu até hoje accôrdo de si, e a Sociedade de Geographia, na mais vergonhosa e lamentavel das incurias, entende que está salva a sua responsabilidade e que nada mais tem a cumprir!

O facto tem causado estranheza, mas encontrasse-lhe facil explicação desde o momento em que se diga que o vice-presidente d'aquella Sociedade é o sr. conde de Samodães, partidario acerrimo do jesuitismo, que o marquez de Pombal tão implacavelmente perseguia.

Causa realmente pena ver tantos homens illustres acorrentados á vontade d'um só!

Felizmente os academicos d'esta cidade acabam de reunir-se, resolvendo celebrar o centenario com festas pomposas, para o custeio das quaes contam com a generosidade dos habitantes do Porto.

Que todos secundem tão patriótica tentativa, digna da briosa classe escolastica.

*
* *

Acabo agora mesmo de chegar do theatro Baquet, onde, em beneficio do actor Valle, foi á scena o drama em 5 actos *O Centenario*.

Um verdadeiro entusiasmo, uma ovação merecida, como só recebem no Porto os artistas de primeira ordem.

Falta-me tempo e espaço e, por isso, n'outra chronica fallarei mais circunstanciadamente d'esta noite de festa.

30 de março.

Iberus.

PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)

(Reino)

Trimestre	350 réis
Semestre	700 "
Anno	1\$400 "

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1\$200 "
Anno	2\$400 "

Escritorio, rua da Rainha n.º 95.

Porto: Typ. de Arthur J. de Souza & Irmão, S. Domingos, 74.